



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA  
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
TURMA PEDAGOGIA DO CAMPO

MARIA GILZETE COIMBRA DE SOUSA SILVA

A CONTRIBUIÇÃO DA FORMAÇÃO DE EDUCADORES NO PROJETO DE  
ESCOLARIZAÇÃO PRONERA EJA 2004 A 2006 NO SUDESTE DO PARÁ.



MARABA – PA

2013

MARIA GILZETE COIMBRA DE SOUSA SILVA

A CONTRIBUIÇÃO DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES NO  
PROJETO DE ESCOLARIZAÇÃO PRONERA EJA 2004 A 2006 NO SUDESTE DO  
PARÁ.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO  
AO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA,  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ, DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO PARÁ, COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO  
DO GRAU DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA.

ORIENTADORA:

PROF<sup>a</sup> MSC. MAURA PEREIRA DOS ANJOS

MARABÁ-PA

2013

MARIA GILZETE COIMBRA DE SOUSA SILVA

A CONTRIBUIÇÃO DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES NO PROJETO DE ESCOLARIZAÇÃO PRONERA EJA 2004 A 2006 NO SUDESTE DO PARÁ.

Data da defesa: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Conceito:

Banca Examinadora

\_\_\_\_\_  
(Examinadora) P

\_\_\_\_\_  
(Examinador) P.

\_\_\_\_\_

MARABÁ-PA  
2013

## DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a minha mãe que lutou para me manter nos estudos quando morávamos em local de difícil acesso a escola.

Ao meu filho Josué e o meu esposo Gabriel, pois formamos uma família no início do curso e desde então estarmos juntos.

Aos movimentos sociais: Sindicato e FETAGRI por me propor a oportunidade de continuar meus estudos,

A minha cunhada RAQUEL por cuidar do meu filho e de minha estadia em Marabá durante o curso de pedagogia.

As minhas sobrinhas DERIJANE e MIRIAM por cuidar do meu filho Josué nos encontros de formação PRONERA EJA.

Aos que tombaram na luta para que estas se concretizassem como programas de educação e habitação.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar que me concedeu a oportunidade de vir ao mundo com saúde e coragem para enfrentar os obstáculos que a vida nos proporciona.

A minha querida mãezinha pela sua historia de luta e superações na vida.

A Toda a minha família em especial Josué Sousa silva e Gabriel Vieira por juntos formamos uma família.

Ao coordenador do curso Evandro Medeiros pela coragem de coordenar e incentivar a educação do campo.

A Todos os bolsistas que fizeram parte do percurso formativo iniciando pelo ensino fundamental, médio magistério, e pedagogia do campo.

A Toda a turma de pedagogia do campo em especial em memória de Maria do Espírito Santo Silva pelas contribuições de historia e conquista nos assentamentos.

Aos educados da EJA no município de Eldorado do Carajás por ter conhecido de perto as barricadas enfrentadas para participar das aulas de formação principalmente no período de colheita.

Ao sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais de Eldorado do Carajás por ter indicado meu nome, pela segunda vez, para fazer parte do processo seletivo da UFPA em 2006.

A professora Maura Pereira dos Anjos e Cleide Pereira dos Anjos pela grande contribuição na minha formação acadêmica.

A minha amiga Claudenir pela contribuição no meu trabalho, com leitura e conselho para continuar escrevendo.

*Ninguém aprende fora de um determinado contexto e nem aprende por aprender. As pessoas aprendem inseridas numa complexa rede de ações e relações e aprendem para atuar nesta realidade.*

*(Roseli Caldart)*

## LISTA DE SIGLAS

CIB- Companhia Industrial do Brasil

CUT – Central Única dos Trabalhadores

EFA – Escola Família Agrícola

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EFEPE- Encontro de Formação dos Educadores.

FADESP – Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa

FATA - Fundação Agrária Araguaia-Tocantins

FETAGRI - Federação dos Trabalhadores na Agricultura

GETAT - Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PA – Projeto de Assentamento

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

STTR – Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

UFPA - Universidade Federal do Para

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INDRODUÇÃO.....</b>  | <b>10</b> |
| <b>I. APROXIMAÇÃO DA PESQUISADORA COM A TEMATICA DE PESQUISA.....</b>   | <b>12</b> |
| 1.1. A MIGRAÇÃO.....  | 19        |
| <b>2. O PRONERA EJA (2004/2006) EM ELDORADO DO CARAJÁS.....</b>   | <b>22</b> |
| 2.1. OS PROJETOS FINANCIADOS PELO PRONERA NO SUDESTE DO PARÁ.....   | 22        |
| 2.3. AS SALAS DE EJA NOS ASSENTAMENTOS EM ELDORADO DO CARAJÁS CONTEMPLADASPELOPRONERA.....                          | 26        |
| <b>3. AS CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES NA CONSTRUÇÃO DO TRABALHO.....</b>   | <b>31</b> |
| 3.2. EDUCAÇÃO POPULAR NA CONCEPÇÃO DE PAULO FREIRE.....   | 32        |
| 3.3. CONCEITOS DE EDUCAÇÃO DO CAMPO.....  | 33        |
| 3.4. MOVIMENTOS SOCIAIS.....  | 33        |
| <b>4. CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO DO PRONERA EJA (2004/2006) NA VISÃO DOS PROFESSORES DE ELDORADO DO CARAJÁS.....</b> | <b>35</b> |
| 4.1- O PLANEJAMENTO E SOCIALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES - ENCONTROS DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES.....                        | 42        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>45</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>  | <b>46</b> |



## RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa com cinco educadores de jovens e adultos de quatro assentamentos da reforma agrária localizado no município de Eldorado do Carajás, tendo como objetivo a análise da contribuição das práticas aprendidas e cultivadas na Educação de Jovens e Adultos no Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA EJA 2004 - 2006.

Para dar subsidio a realização deste trabalho, foram feitas entrevistas gravadas das falas dos educadores trazendo para a análise questões sobre a contribuição e a formação profissional durante a realização do programa PRONERA EJA. Através deste trabalho foi possível identificar a partir da narrativa dos entrevistados, sua pratica pedagógica, além de contribuir na construção de materiais pedagógicos. Para trabalhar com as turmas nos assentamentos os educadores recebiam formação continuada que facilitava os seus trabalhos com a comunidade. No período de férias, vinham de vários municípios para o município de Marabá, onde participavam da escolarização de EJA.

Além dos encontros de escolarização para formação profissional, foram realizados também, encontros e oficinas pedagógicas, para formação continuada dos educadores. Os cinco entrevistados continuaram o trabalho pedagógico na rede pública do município, realizando as práticas compartilhadas na formação do projeto PRONERA EJA 2004 - 2006.

**Palavras-chaves:** Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo, PRONERA.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso, sobre a temática da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O problema de pesquisa buscou entender quais as contribuições que o projeto PRONERA EJA 2004-2006 resultou na vida dos cinco educadores do município de Eldorado do Carajás? Interessamo-nos por essa temática porque compartilhamos as dificuldades enfrentadas por eles para realizar sua escolarização. E pelas necessidades dos agricultores nos projetos de assentamentos darem continuidade aos estudos.

O objetivo dessa pesquisa foi investigar conhecer e compreender as contribuições que a formação proporcionou aos educadores no PRONERA EJA (2004 – 2006) para tornarem-se professores em áreas de assentamento, fazendo uma reflexão dos avanços profissionais e o acúmulo de experiência que o projeto lhes proporcionou.

O PRONERA no Sudeste do Pará teve início em 1999, com a EJA e a Escolarização de Educadores no Ensino Fundamental (5ª 8ª série). Escolhemos esse projeto como tema de pesquisa, dentre os muitos que foram realizados nessa região devido à importância do desenvolvimento profissional dos sujeitos do campo, uma vez que o Programa dava continuidade formativa para aqueles que tinham concluído o Ensino Fundamental no primeiro projeto e foram convidados a participar do PRONERA EJA (2004 – 2006) ampliando assim sua experiência como educador.

A luta por melhores condições de vida dos sujeitos do campo sempre foi árdua, no entanto depois da conquista da terra necessita-se de qualidade de vida onde os sujeitos possam garantir sua sustentabilidade no campo. As lutas por melhores condições de vida nos assentamento trouxeram vários debates sobre o acesso dos agricultores a estrada, saúde, créditos, entre elas, a educação.

A criação de programas que atendesse as pessoas do campo se acirrou na década de 1990, com o governo federal, que pressionado pelos movimentos sociais criou em 1998 o PRONERA, no qual a meta principal era oferecer aos sujeitos a escolarização que não tiveram acesso na idade certa, por meio da

Educação de Jovens e Adultos, e ainda capacitar educadores do campo para atuarem nas suas comunidades com os trabalhadores rurais.

O trabalho de pesquisa começou a ser elaborado em agosto de 2009, na construção do pré-projeto. Após a elaboração do pré-projeto foi construído o referencial teórico e elaboração do questionário.

A pesquisa aqui realizada foi uma pesquisa qualitativa, buscando compreender a formação a partir do PRONERA EJA (2004/2006) na perspectiva de formar sujeitos do campo para trabalhar no campo.

Em novembro de 2010, foram feitas as primeiras entrevistas com cinco educadores que recebiam a formação pelo PRONERA para atuar como educador nos assentamentos. Uma foi realizada no sindicato dos trabalhadores rurais, três, na casa dos entrevistados e uma na Universidade Federal do Pará, onde realizávamos as etapas dos estudos.

O quadro abaixo mostra algumas informações sobre os entrevistados.

| <b>EDUCADOR</b> | <b>PROFISSÃO</b> | <b>ASSENTAMENTO</b> |
|-----------------|------------------|---------------------|
| R. M. G. C.     | Agricultora      | Água Fria           |
| J. G. C. S.     | Agricultora      | Rio Vermelho        |
| G. V. S.        | Agricultor       | Rio Vermelho        |
| J. D. S.        | Agricultor       | Moça Bonita         |
| T. R. S         | Agricultor       | Água Fria           |

Para dar subsídio ao trabalho além das entrevistas foram analisadas as imagens e os cinco relatórios produzidos pelos bolsistas após cada encontro de formação realizado em Marabá.

No decorrer desse trabalho houveram varias paradas e retomadas, primeiramente tive problemas com a orientadora, pois nós não nos encontrávamos para acelerar a construção do trabalho. Em decorrência dessa falta de encontro alem de ver a metade da turma finalizando seus trabalhos e o

meu não avançava por não ter uma orientação do que fazer, que caminhos percorrer.

Quando me senti segura de que dava para realizar a construção do trabalho, pois já tinha realizado todas as entrevistas, lido vários livros, procurei uma professora fiz- lhe o convite para que contribuísse na orientação do trabalho, com a confirmação da professora comecei a escrever novamente voltando-se para análise de dados e fazendo o diálogo com autores que discutem sobre esse temática.

Ao retomar a construção do trabalho tive outros problemas que atrapalharam a finalização do mesmo, pois não foi fácil trabalhar dois períodos cuidar de casa e parar para a construção de um trabalho tão importante que exige o máximo de concentração, e disciplina, quase não retornava a cidade de Marabá para procurar à orientadora, devido estar sem animo para continuar, mas depois de idas e vindas consegui finalizar o meu trabalho.

O trabalho esta dividido em quatro capítulos: No primeiro capítulo esta desenvolvida a minha trajetória de vida, enquanto educadora tive uma historia ligada a área de assentamento, alem de ter participado de todas as etapas do programa no município de Eldorado do Carajás. O segundo capítulo trata da EJA (2004/2006) em Eldorado do Carajás, um dos municípios contemplados pelo projeto de escolarização. No terceiro capítulo trago as contribuições dos autores para a fundamentação na construção do trabalho. O quarto e último capítulo trazem a contribuições da formação do PRONERA EJA (2004/2006) a partir da visão dos professores de EJA em Eldorado do Carajás.

## **CAPITULO I. APROXIMAÇÃO DA PESQUISADORA COM A TEMÁTICA DE PESQUISA**

Nasci em 1982, no município de Bom Jesus da Mata, Estado do Maranhão, Com apenas sete meses de gestação, após minha mãe levar um susto; na época as mulheres que entravam em trabalho de parto eram auxiliadas

por parteiras da comunidade. Dessa forma, vim ao mundo pelas mãos de uma parteira.

As pessoas não tinham nenhuma esperança da minha sobrevivência por ser muito frágil, existiam nas áreas rurais poucas pessoas que davam orientações para as grávidas, elas tinham experiências com gestações e partos eram bem respeitados por todos e as crianças que elas ajudavam a nascer as chamavam a de mãe.

Sou a nona filha de Pedro Rodrigues de Souza e Maria das Dores Coimbra de Souza. Ela maranhense e ele cearense os dois trabalhadores rurais, os dois sempre lutaram para nos dar o melhor.

Quando comecei a trabalhar cursava apenas a sexta série do ensino fundamental, substituía uma professora numa turma multisseriada. Os pagamentos pelo serviço prestado eram feitos pela professora titular, então recebia como diária, apenas os dias trabalhados, os finais de semana não contavam, às vezes trabalhava três dias na semana, enquanto a professora resolvia alguns problema na cidade.

Muitas vezes trabalhava para os professores que viajavam, mesmo assim ficava contente pelo pagamento e pelo carinho das crianças, apesar de todas as dificuldades e da pouca experiência foi gratificante trabalhar com aquela turma, pois era o meu sonho desde a infância trabalhar com criança das áreas de assentamento.

Quando comecei a trabalhar na educação não tinha experiência na formação pedagógica, então ficava atrapalhada com os livros didáticos; mas conseguia seguir as orientações da professora que por sua vez ministrava as aulas, seguindo os conteúdos programáticos e me repassava.

A partir das orientações eu realizava as atividades com alunos da mesma forma que estava nos livros com atividades para copiarem do quadro. Nunca pensava em mudar a maneira que era trabalhada com as crianças, não planejava uma atividade para suprir as necessidades das crianças, mesmo com dificuldade usava os livros didáticos que já vinha com conteúdos e as atividades, pois eram os únicos recursos.

Apesar de todos os problemas enfrentados na zona rural, nunca desisti de me tornar uma educadora do campo que trabalhasse com a realidade dos sujeitos; e

para me tornar uma educadora, enfrentei varias dificuldades, como ficar longe da família.

Durante as etapas de estudo, morava em quitinete com filho pequeno, sem espaço e condições para estudar, tudo isso me fez perceber a importância de uma educação diferenciada para os sujeitos do campo.

Para falar dos meus estudos não posso deixar de falar da oportunidade de participar do projeto de educação que veio para atender pessoas assentadas, ou filhos de assentados onde envolvia ação reflexão ação, ou seja, uma intervenção na realidade.

A partir de janeiro 2000, meu sonho começou a se concretizar, pois foi a partir daquele momento que comecei a fazer parte de um grupo de pessoas que estudavam para compartilhar sua aprendizagem com outras pessoas, no qual as experiências e vivências tinha um novo sentido, uma nova filosofia de vida.

O PRONERA magistério funcionava em período intervalar, nos meses de janeiro/fevereiro e julho, no restante do tempo trabalhava na comunidade como educadora na educação de jovens e adultos, não para ensinar conteúdos e fazer uma prova para dar uma nota no final de bimestre, como eu era acostumada a ouvir de outros professores, mas fazer com que as vivências dos estudantes se tornassem parte do processo formativo.

Talvez o fato de fazer provas para receber uma nota e passar de ano não fosse uma das prioridades do programa, mas o desenvolvimento do senso critico em relação à realidade existente, fazer intervenções nos assuntos estudados e nas problemáticas do seu dia a dia, ou seja, explicar o que havia entendido dos conteúdos trabalhados pelos educadores durante o tempo na sala de formação e que benefícios os estudos poderiam trazer para suas vidas.

Meu interesse pela temática começou a partir da entrada no Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária que só foi possível por residir em um assentamento rural, durante toda minha infância e juventude, e ainda por alimentar desde cedo, bem antes mesmo do início do PRONERA, o sonho de ser professora.

Após ingressar na formação de educadores e no trabalho de Educação de Jovens e Adultos através PRONERA em 1999, no município de Eldorado do Carajás, no estado do Pará, ampliei meus conhecimentos sobre o meio em que vivia e os valores existentes no campo.

Um grande desafio encontrado para fazer a pesquisa e continuar o trabalho, foi o fato de ficarmos, eu e meu marido, longo período desempregados e só conseguirmos emprego em um assentamento de Parauapebas, pois tive que mudar para lá, e dessa forma me distanciar da comunidade, porém o acúmulo de experiências nos estudos e na comunidade fez com que se tornasse prazeroso.

Esse envolvimento com a EJA me permitiu problematizar as condições de existência da mesma, a formação dos professores e o processo de formação já que ela é uma modalidade de ensino para os que não tiveram acesso ou oportunidade de dar continuidade aos estudos na idade apropriada por motivos diversos.

Meu percurso formativo do Ensino Fundamental ao Curso Superior no PRONERA me fez amadurecer, ampliando assim meus conhecimentos enquanto profissional, colocar em prática os projetos de ensino cultivados durante as oficinas de formação no PRONERA EJA é garantir uma melhor condição de aprendizagem para as comunidades.

O meu início no projeto de formação do ensino fundamental foi doloroso, as metodologias era diferenciada das que eu tinha costume de participar na escola em que estudei, me deparei com “novos” métodos de ensino, nos quais as minhas vivências serviam como referência no meu processo formativo, as histórias de vida dos sujeitos envolvidos durante a formação eram tidas como o principal ponto de partida.

Ao escrevermos e socializarmos com os colegas no espaço de formação EJA, possibilitávamos maior entendimento entre a turma. Após a apresentação de trabalhos fazíamos comentários e questionamentos no intuito de ajudar a esclarecer as ideias apresentadas, preparações de seminários e organizações de materiais para facilitar o trabalho nas salas de aula com os educando das comunidades.

Os problemas enfrentados para realizar os trabalhos acadêmicos não foram poucos, isso se deu pela experiência educacional que vivenciei quando cursei, da alfabetização a sexta série do ensino fundamental, na escola regular, pois as atividades eram realizadas nos cadernos apenas para a professora dar o visto muito diferente do que estava vivenciando nos trabalhos acadêmicos na pedagogia.

A timidez tomava conta de mim e acabava atrapalhando a minha aprendizagem e a minha autoconfiança, não sentia segurança em minha pronúncia e nas atividades que realizava como os seminários e as aulas no assentamento.

Realizei meu trabalho como educadora de jovens e adultos no Projeto de Assentamento Eldorado no município de Eldorado do Carajás, no prédio da escola Boa Esperança que ficava localizada a dois quilometro de minha casa e como na época não tinha energia e eu trabalhava a noite, comprei uma bateria e uma lâmpada, que ajudava na iluminação da sala.

Todo dia me deslocava-me para escola com o meu filho de pouco mais de dois meses dentro de um carro de mão, que ficava com ele na sala de aula por não ter com quem deixa-lo. Meu esposo também participava do Projeto e também dava aulas a noite.

A luta só tem sentido a partir do momento que ela se torna conquista e o PRONERA é uma conquista de muitas lutas, pois a historia de luta e superação veio para construir algo que nos fez amadurecer e crescer como profissional e seres humanos.

A superação das dificuldades e o enfrentamento de desafios significam ir além das barreiras da opressão imposta pela sociedade, assim o Programa teve como justificativa a necessidade de vencer o silencio e a obediência dos educandos tratando-os como seres capazes de construírem e mudarem a sua própria historia.

Foi trabalhando com pessoas adultas e de uma realidade diferente da minha que fui alfabetizada de verdade, pois quando criança eu aprendi com a cartilha do ABC fazendo copias no caderno e soletrando silabas. E só agora compreendi que não era o bastante, que alfabetização é muito mais que tudo isto.

Os adultos que estavam indos pela primeira vez para uma sala de aula tinham o propósito de aprender a ler e escrever, e isso era uma das minhas preocupações, pois pensava que não iria dar conta de realizar um bom trabalho devido à ansiedade de ver os educandos lendo e escrevendo, muitas vezes acabei fazendo coisas que não tinha significado para uma educação de qualidade, pois.

Daí que, nesta perspectiva crítica, se faça tão importante desenvolver, nos educando como no educador, um pensar certo sobre a realidade. E isto não se faz através de blá-blá-blá- mas do respeito à unidade entre teoria e prática (FREIRE 1981, p.13).

Aos pouco fui aprendendo a interagir, para assim suprir as necessidades, não apenas de cada um dos educandos, mas também as minhas, isso me deixa



orgulhosa, pois o fato de compartilhar as aprendizagens que fazem parte de minha vida, com a de outras pessoas enriqueceu-me como pessoa.

Com os conhecimentos conquistados durante minha formação comecei a fazer parte de outras instituições como a associação dos trabalhadores e trabalhadoras rurais exercendo o cargo de secretaria da associação por um período de quatro anos no projeto de assentamento Eldorado, e isso complementava os conhecimentos pessoais nas questões sociais da comunidade.

Devido o vínculo que eu tinha com o assentamento, trabalhei também na prefeitura de Eldorado do Carajás no ano de 2003, atuando em uma turma multisseriada com vinte e sete alunos na faixa etária de 07 aos 12 anos no turno matutino. Esta oportunidade foi muito boa uma vez que contribuiu para o aumento da renda familiar, pois o PRONERA já tinha encerrado naquele projeto de assentamento; trabalhei também no período vespertino com as disciplinas de Educação Artística e Estudos Amazônicos no Fundamental Maior em quatro turmas, ou seja, de quinta a oitava séries durante quatro anos letivos na Escola Boa Esperança localizada no PA Eldorado.

No período de trabalho com a EJA aconteciam às oficinas de preparação para atuar nas aulas com alunos trabalhadores rurais, pessoas que trabalhavam durante o dia inteiro no campo e no período noturno percorriam aproximadamente três quilômetros até a escola, assim, para as aulas tornarem menos cansativas, utilizávamos as dinâmicas e os temas geradores planejados nas oficinas do projeto.

Na formação de Magistério ofertada pela Universidade Federal do Pará, estudei vários autores como: Paulo Freire, Rubem Alves, Emília Ferreiro, Caldart, Gadotti entre outros cujas linhas de pensamentos falam da educação renovadora que valoriza os conhecimentos prévios dos seres humanos como sujeitos construtores de conhecimento.

Foi com base nas experiências dos educandos que participaram da formação da EJA que este trabalho foi realizado, apesar de ser feito em um período curto, muito contribuiu com os meus conhecimentos e minhas ações pedagógicas, durante o percurso de ação e reflexão conseguir basear-me nas concepções de alguns autores no que diz respeito à sociedade e educação, pois devido o acúmulo de conteúdo não ser a garantia de uma aprendizagem significativa, o educador tem o

papel de fazer intervenções nos assuntos trabalhados para que os educandos sintam-se estimulados a fazer pesquisa sobre a realidade da sociedade.

Devido fazer parte do movimento dos trabalhadores rurais e ter contribuído na formação dos mesmos enquanto pessoas alfabetizadas me convidaram para exercer outras atividades em benefício da comunidade, como voluntária na associação do projeto de assentamento Eldorado; aceitei o desafio pois pretendia permanecer ali por muito tempo prestando serviços para melhoria da comunidade onde era o berço de minha formação social. Entretanto alguns boatos em relação às atividades da associação me desmotivaram a fazer parte do movimento dos trabalhadores rurais de Eldorado, por isso me afastei das atividades que exercia na associação, mas continuei na comunidade.

Em 2006, fui, mais uma vez indicada para participar da seletiva de uma nova etapa de formação profissional do PRONERA, agora, do Ensino Superior, naquele momento dependíamos da indicação do STTR (sindicato dos (as) trabalhadores (as) rurais) de Eldorado para continuar no processo de formação e devido ter um processo de indicação feito pelo sindicato e com o reconhecimento de nosso trabalho prestado nas comunidades onde morávamos, fomos indicados a ir fazer o vestibular.

As pessoas necessitam estabelecer um quadro de interpretação do que experimenta como mudança de si mesmo e de seu mundo ao longo do tempo, para poder agir no contexto vivido realizando suas intervenções e foi nesse pensamento pessoal que fui até a Universidade Federal do Pará em Marabá fazer a prova seletiva para o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia

O resultado da prova saiu em junho e para mim foi mais uma vitória conquistada na formação profissional, pois no período não estava funcionando a EJA, e eu estava trabalhando somente contratada pela prefeitura de Eldorado; era uma nova oportunidade de aprimorar cada vez mais, os meus conhecimentos acadêmicos.

Desde então apareceram várias oportunidades de mostrar o que aprendi na teoria, compartilhando na prática os meus conhecimentos em áreas de assentamentos. Essa nova experiência teve início em Eldorado do Carajás com a duração de um de quatro anos, sendo educadora da EJA e ao mesmo tempo

contratada para trabalhar com turmas multisseriadas, como já comentei anteriormente.

Apesar de não ter terra registrada em meu nome, morava com os meus pais que são assentados no projeto de assentamento desde sua criação. Durante minha trajetória de estudo conheci um rapaz que também era estudante na turma do projeto PRONERA, nos tornamos amigos, começamos a namorar, nos casamos e fomos morar com a minha família em uma casinha ao lado da casa de minha mãe, vivendo com a renda dos serviços prestados para a prefeitura de Eldorado na escola onde estudei até a sexta série.

### **1.1 A Migração**

Ao sair do município de Eldorado em junho de 2007 a qual considero minha casa, sofri bastante, pois há dezenove anos morava naquela localidade; já estava acostumada no PA, trabalhava e estava ao lado de minha família e nunca tinha me afastado para morar em outro assentamento pensava que nunca iria embora dali.

Devidos os imprevisto de falta de trabalho tivemos que ir para o município de Pacajá, para morar em um pedaço de terra que meu esposo tinha ganhado do grupo de pessoas que assumia a associação do acampamento Rio Bandeira que fica entre as cidades de Tucuruí e Pacajá.

Com pouco tempo que estávamos em Rio Bandeira nome do acampamento onde se localizava a terra que ganhamos, o pessoal da comunidade foi informado que estávamos cursando a Pedagogia do Campo, curso ofertado pela Universidade Federal do Pará em parceria com os movimentos dos trabalhadores rurais e que poderíamos trabalhar na comunidade. Então alguns pais nos convidaram para trabalhar como educadores na escola da vila do acampamento, pois naquele momento estava faltando atendimento educacional para turma do ensino fundamental maior por falta de profissionais qualificados para tal área.

Ficamos apenas por dois meses naquela região, foi um tempo agradável, pois era uma localidade com muitas matas. Saímos de lá para mais uma etapa do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia que funcionava em período intercalar e acabei não voltando, pois ao chegarmos à cidade de Marabá, em julho de 2007 para estudar recebemos um telefonema por parte da representante da associação do

acampamento Rio Bandeira com o comunicado de que tínhamos que escolher entre o curso e a terra, pois não dava para ficarmos afastado da mesma, devido termos que ficar todos ali no local da vila para poder garantir a liberação dos lotes, ou seja, a demarcação pelo INCRA (instituto nacional de colonização e reforma agrária).

Com todos estes acontecimentos começamos a pensar no compromisso e na história que já tínhamos construído no projeto resolvemos então ficar no curso. Com poucos dias de aula, fomos convidados a participar da Conferencia Regional de Educação do Campo que se realizava em Marabá.

Na Conferência, encontrei com uma amiga ex-orientadora/bolsista do projeto PRONERA no Ensino Fundamental, começamos a conversar sobre trabalho e durante a conversa ela acabou convidando meu esposo para trabalhar na Escola Família Agrícola em Parauapebas, uma vez que a mesma era coordenadora do Setor de Educação do Campo na SEMED do município. Ele aceitou o convite e foi contratado pela prefeitura para ser educador na pedagogia da alternância (trabalhando quinze dias seguidos e folgando quinze) no assentamento Paulo Fonteles localizado no mesmo município.

Ao terminar mais uma etapa de estudo em Marabá ele viajou para o local de trabalho, e eu fiquei trabalhando na educação em Eldorado, algumas semanas depois fui convidada também para trabalhar na educação do campo em Parauapebas, trocando experiências com vários educadores do campo como sempre quis e segundo meus princípios, que havia aprendido nos processos de formação acadêmica.

A experiência acumulada no PRONERA e pelas experiências anteriores de trabalho como docente em assentamentos me ajudou a ser bem aceita na comunidade vicinal Jatobá, no assentamento Rio Branco, município de Parauapebas onde trabalhei com uma turma de multissérie formada por doze alunos. Assim tive um bom rendimento com trabalho pedagógico na escola Boa Sorte. Buscava desenvolver o que havia estudado no curso do PRONERA magistério e pedagogia, fazendo um relacionamento com teoria e prática, então trabalhava com um planejamento envolvendo pesquisa de campo, ou seja, com a realidade das crianças, envolvendo-as no processo de construção, como afirma. (HAGE, 2005 p.80) “as atividades proposta pela professora, de certa forma despertam interesse na turma”.

Toda experiência de formação acadêmica serviu para além do meu currículo profissional, pois refletir sobre a nossa história é fazer a diferença além da sala de aula. Esta é a base que tomo como mecanismo para a realização do trabalho nas escolas do campo, como os estágios realizados com projetos com temas específicos, ou seja, a partir da realidade dos sujeitos, estimulando o diálogo e problematizando que tipo de educação propor para as pessoas como eu que enfrentam vários problemas para ter acesso à escola? Como pensar que conteúdo seria significativo para esses educandos? E toda reflexão parte de uma base teórica e prática conquistada durante minha formação acadêmica na pedagogia do campo onde foi discutido a história de vida dos sujeitos e me levou a afirmar que educar não é descarregar uma massa de conteúdos sem significados, mas promover caminhos que facilitem aos educando a superação dos obstáculos na conquista de um conhecimento integral, construindo valores, durante as experiências do dia a dia.

Apesar de migrar para vários lugares em busca de melhoria de vida, hoje resido em Parauapebas na área urbana e tenho como compromisso a responsabilidade de contribuir com a comunidade onde trabalho e fazer parte dela, uma vez que não foi possível ficar na comunidade onde trabalhei, pois para trabalhar e ter um bom resultado o educador precisa conhecer a comunidade e fazer parte dela.

## **CAPITULO II O PRONERA EJA (2004/2006) EM ELDORADO DO CARAJÁS**

O PRONERA teve como população participante, jovens e adultos dos Projetos de assentamento criados pelo INCRA ou por órgãos estaduais de terras, desde que houvesse parceria formal entre o INCRA e esses órgãos. Eldorado do Carajás foi um dos municípios contemplado pelo projeto de formação de educandos/educadores, nas modalidades de escolarização/Ensino Fundamental e Médio/Magistério, garantindo a escolarização dos educadores, que receberam capacitação pedagógica para atuarem nas salas de formação com os educandos.

O projeto de escolarização contemplou em Eldorado seis assentamentos, atendendo oito turmas com a estimativa inicial de quinze a vinte e cinco alunos por turmas de escolarização no Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série), dando a oportunidade aos educadores que residiam no próprio assentamento uma formação acadêmica para a melhoria na qualidade de vida e do ensino nas escolas do campo,

pois ao participarem da formação voltavam ao assentamento a fim de compartilhar com os educandos suas aprendizagens.

## **2.1 OS PROJETOS FINANCIADOS PELO PRONERA NO SUDESTE DO PARÁ**

No ano de 1999 iniciou o PRONERA no Sudeste do Pará. Nesse ano realizou-se o Projeto de Formação/Escolarização em Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries), ofertado a jovens e adultos, agricultores nos assentamentos, vinculados e em parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Federação dos Trabalhadores da Agricultura (FETAGRI).

De 2001 a 2004, foi realizado o Projeto de Escolarização/Formação em Ensino Médio Magistério, ofertado como continuidade ao projeto anterior. No mesmo ano também teve início o Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos, com atividades educativas realizadas pelos educando (as) do ensino médio nos PÁ's, onde eles moravam.

No ano de 2004 foi concluída a formação em nível médio, esses educandos-educadores (as) vinculados ao MST e a FETAGRI aguardaram a aprovação de dois novos projetos, agora de Formação em Nível Superior, um para o Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia e o outro de Licenciatura Plena em Letras, ambos propostos e aprovados em 2005, e iniciados em 2006; também ofertados pela UFPA.

Em 2004, iniciou ainda o Projeto de Formação de Nível Superior em Agronomia – para agricultores vinculados ao MST. Além disto, neste mesmo ano estava sendo desenvolvido o Projeto de Formação em Nível Médio Agro técnico – para os jovens e adultos moradores de PA's organizados pela FETAGRI, juntamente com o processo de escolarização dos agricultores.

Essas foram algumas conquistas das grandes lutas dos trabalhadores rurais na busca de melhores condições de vida, conquistas estas que garantiu que os filhos não precisassem sair do campo para continuarem os estudos.

## **2.2. O PROJETO PRONERA EJA (2004-2006)**

A partir da parceria entre a Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura - FETAGRI Regional Sudeste, Superintendência - SR 27 do INCRA, Universidade Federal do Pará (UFPA) Campus de Marabá, a Fundação de Amparo ao Desenvolvimento de Pesquisa (FADESP) inicia-se o projeto PRONERA EJA (2004-2006). No intuito de garantir o direito à educação com qualidade social, a jovens e adultos, trabalhadores de área de assentamento de reforma agrária, garantido o direito de alfabetiza-se e prosseguir os estudos em diferentes níveis de ensino. Como a escolarização no nível fundamental de 1ª a 4ª série, para os já alfabetizados, pois é uma modalidade prioritária na vida educacional.

No período de 2004 a 2006, o Programa possibilitou aos educadores desenvolverem no assentamento, junto com os agricultores atividades pedagógicas com que contribuíram com a política de educação do campo, na formação dos sujeitos, pois segundo Gonh “o exercício da pratica cotidiana nos movimentos sociais leva ao acúmulo de experiência, onde tem importância a vivência no passado e no presente para a construção do futuro” (1999, p. 18).

A autora nos faz refletir não apenas sobre as nossas praticas e aprendizagens, mas também sobre as vivências das outras pessoas e assim possivelmente refletir sobre o futuro.

As aulas de alfabetização ocorriam no interior dos assentamentos, com grandes avanços e algumas em condições pecarias, principalmente de infraestrutura e equipamentos didáticos- pedagógicos, variando as condições de acordo com a realidade dos assentamentos. As aulas também aconteciam em igrejas, barracões de associações e em escolas públicas municipais.

Os primeiros momentos de trabalhos foram bons, devido todos estarem empolgados, mas com as más condições das estradas, a falta de transporte, merenda e energia elétrica, aulas ministradas com a luz do lampião. Aos poucos a desmotivação foi só aumentando. Esta falta de infraestrutura provocou a desistências de vários alunos, muitos tinham que andar vários quilômetros para chegarem até a escola, mesmo apesar das aulas serem diferenciadas não teve muito resultado na permanência dos educandos na sala de aula ate o final do projeto.

Baseado na leitura do manual de operações do PRONERA de 2004, a educação, do ponto de vista social, é a interferência que temos em: aprender, conhecer, produzir e compartilhar ações planejadas para suprir as necessidades dos sujeitos nela inseridos, por isso a educação de jovens e adultos visa à ampliação não só do número de pessoas alfabetizadas e formadas em diferentes níveis de ensino, mas também em formar educador-educadores agentes multiplicadores nas áreas de assentamento da reforma agrária. (BRASIL, 2004)

Para realizar o processo educativo, o projeto EJA ofereceu formação continuada aos educadores que em grupo discutiam e planejavam ações a serem desenvolvidas nos assentamentos, baseado na pesquisa como princípio educativo, afirmaram que não tinham experiência na EJA, segundo eles, as formações eram para dar base ao trabalho que realizavam com os trabalhadores e trabalhadoras. O educador J G C S confirma essa informação ao afirmar que: “para realizar o trabalho, eu recebia formação em forma de oficina, encontro que acontecia mensal, ou seja, dois, três dias mensais e tinha toda preparação para poder trabalhar com a EJA”.

Partindo da realidade e da necessidade de formar agricultores que residiam nos assentamentos, para atuarem como educadores nas salas de EJA, os presidentes de sindicatos realizavam a escolha dos educadores para as vagas do projeto. Os que foram selecionados se deslocaram até a cidade de Marabá, para participar dos encontros e oficinas pedagógicas no Campus de Marabá. As orientações eram realizadas nos encontros com professores, que ajudavam a elaborar os planos de aula a partir dos temas geradores. Uma educadora cita na entrevista que eram:

Cidadania gênero entre outros temas discutidos durante as oficinas de formação, com atividades diferentes para facilitar o entrosamento dos educandos e facilitar a participação de todos com a afirmação do outro: como almoço coletivo, teia da vida, objeto íntimo e círculo de diálogo. (R.M G.C)

Como muitos dos educadores já vinham aperfeiçoando-se, seus trabalhos foram sendo reconhecidos a partir desse trabalho na EJA. Este reconhecimento, fez com que esses educadores comesçassem a atuar no movimento sindical nas funções de direção, coordenação, presidente sindical e presidentes de associações. No



exercício dessa nova função, eles utilizaram do aprendizado sistematizado durante as oficinas e encontro de educadores, isso passou a ser um diferencial na atuação, segundo a entrevistada abaixo:

A nossa formação acontecia em marabá com professores da universidade federal do Pará, elas aconteciam com oficinas com aulas praticas quando a gente estava em marabá fazendo aulas praticas era pra vim atuar no campo naqueles momentos as aulas que agente recebia eram de forma animadas prazerosas de forma que agente subtendesse um pouco da metodologia que agente aprendeu as aulas eram um pouco diferenciadas, dinâmicas acompanhadas de oficinas que serviam de preparação para gente atuarem aqui na comunidade (R. M. G. C. 47 anos, entrevistada em 02 de outubro de 2010).

### **2.3. As salas de EJA nos assentamentos em Eldorado do Carajás contempladas pelo PRONERA.**

Devido o processo histórico da busca por sobrevivência a maioria dos assentamentos da reforma agrária no sudeste do Pará se deu a partir de vários processos de posse do lote, dentre eles, a chamada ocupação passiva, e a grilagem de terras devolutas que aconteceu logo após a abertura das principais rodovias construídas na década de 1970: a Transamazônica, a BR 222 (antiga PA 70) e a PA 150 que foi o inicio da povoação.

Depois desse processo de povoamento para a abertura das estradas acima citadas foram ocupadas terras pertencentes à União e ao Estado do Pará, terras essas que estavam nas mãos de políticos, empresários e de oligarquias locais que mantinham o poder econômico em mãos. Nessas áreas a conquista da terra foi através de conflitos diretos ou indiretos com os supostos donos.

A luta pela terra atraiu várias famílias de seus estados de origem na perspectiva de conquistar um lote e com esse propósito se aglomeravam nas proximidades da área e formavam vilas para facilitar a luta conjunta. Todas as historias de lutas pelas famílias menos favorecidas, a fim de conquistarem a terra onde morar e tirar seu sustento é dura por terem que enfrentar a falta de apoio político e a péssimas condições de infraestrutura e de acesso á área que no futuro se tornaria um assentamento.

Ao falar na zona rural, muitos se referem ao atraso, dificuldades e isolamento, em pessoas fáceis de serem enganadas com falsas promessas, percebe-se, portanto durante as entrevistas feitas nos estágios realizados pelos estudantes de pedagogia do campo, certa acomodação em relação a conformismo com o que é oferecido. No entanto, ao longo das décadas tem desencadeado processo reivindicatório pelos direitos do homem do campo, além do acesso a terra, conquista de condições de trabalho e por educação de qualidade.

Todas as ações vêm se fazendo na história dos movimentos sociais, ainda assim, são grandes os desafios para a luta das comunidades rurais como: garantir escolas com acesso e a permanência dos estudantes desde a Educação Infantil ao Ensino Médio com uma boa estrutura, pois no campo as escolas são de difícil acesso, as salas não terem conforto para as crianças, com a falta de apoio pedagógico para atender as necessidades e as expectativas das crianças em relação à escola.

A partir dos últimos ciclos econômicos muitos agricultores nordestinos, a maioria maranhenses, migraram para a região em busca de melhores condições de vida, vieram para a coleta da castanha-do-pará e de caucho, e se estabeleceram na região amazônica na esperança de adquirir poder econômico e melhorar a vida de sua família, contudo, outra descoberta chamou a atenção, não só dos que aqui já moravam e que na época foi noticiário por todo Brasil, o ouro em serra pelada no início da década de 1980.

Assim milhares de aventureiros, se deslocaram de todo o país para esta região na esperança de melhorar as condições de vida “da noite para o dia”, e foi desta forma que muitos homens chegaram aqui, muitas vezes caminhando com os pertences nas costas, mas vinham na expectativa de ficar rico.

Com a decepção de não ter adquirido a riqueza desejada, resolveram trazer as famílias e ficaram morando muitas vezes de aluguel ou de favor na casa de conhecido nas cidades de Curionópolis, e Marabá, constituindo a nova população dessa região. Com a notícia da desapropriação dos castanhais, as famílias formaram grupos e se acamparam próximos às áreas a serem ocupada formando vilas para facilitar a sobrevivência de seus filhos e a permanência na escola.

As ocupações dessas áreas ocorreram nos anos de 1985, Eldorado, 1987 Rio Vermelho e o mais novo em 1997 Moça Bonita, em uma área de castanhais chamada de motor queimado que foi arrendada para uma firma de Belém, conhecida como Companhia Industrial do Brasil-CIB. No ano de 1985, as famílias ocuparam a área demarcando seus lotes e implantando suas roças, tendo como apoio o sindicato dos (as) Trabalhadores (as) rurais de Curionópolis; mas não foi fácil para os familiares, pois além das dificuldades de falta de estrada as famílias sofriam com uma doença conhecida como malária.

As mulheres ficavam nas vilas com as crianças e os homens entravam nos castanhais com um representante da comunidade que iam demarcando seus lotes para poder exercer seus trabalhos agrícolas, todavia conseguir um lote foi muito difícil em função às perseguições pelos supostos donos da área, muitos sofreram ameaças e alguns foram mortos para que poucos conquistassem um pedacinho de terra onde iriam realizar o cultivo e garantir o sustento de suas famílias.

Formando os assentamentos os representantes procuravam ajuda nesse período junto ao Grupo Executivo de Terras do Araguaia Tocantins (GETAT). Órgão do governo responsável pelas questões agrária na época. Representado nesse período pelo atual deputado Asdrúbal Bentes e Jader Barbalho (na época ministro da reforma agrária) que fornecia a alimentos, transportes viagens e pagava as questões jurídicas aos representantes das comunidades. “Embora haja controvérsias sobre o GETAT, como um órgão que perseguia e punia trabalhadores na luta pela terra, nessa época ajudava os ocupantes das terras que eram representados pelo Sindicato dos (as) Trabalhadores (as) Rurais de Curionópolis”.

Em 1994 os assentamentos acima citados passaram a fazer parte do município de Eldorado do Carajás e foram regularizados pelo INCRA, começando a receber seus créditos.

Durante os primeiros anos de trabalho nos assentamento as famílias lutavam juntas com um só objetivo, pois depois de conseguir a liberação da terra vinha à luta por educação, devido à necessidade de colocar as crianças para estudar e a infraestrutura do assentamento, pois nos primeiros anos de moradia os agricultores andavam a pé nos ramais feito pelos madeireiros carregando suas produções em animais de cargas.

As famílias entraram na área em 1988, essas famílias só receberam a regularização e posse dos lotes de terras em 1997, ou seja, 09 anos depois da ocupação. Em 1996, foi construída a estrada com recursos do Governo Federal geridos pelo (INCRA) e muitos assentados já tinham recebido Projeto do Governo Federal como: PRORURAL, PROCERA, PRONAFE e HABITAÇÃO; em 2007, chegou à energia elétrica através do Programa do Governo Federal “Luz Para Todos”, beneficiando todos os moradores dos assentamentos.

Num período de 10 anos, os PA's foram grandes produtores de arroz, milho e mandioca, abastecendo a sede do município e cidades vizinhas Curionópolis e Parauapebas. Nesse período os assentamentos eram uma referência na região em capacidade de produção de grãos. O que também movimentava o comércio da região.

Outro fator relevante era o movimento de pessoas no assentamento no período das colheitas. As roças eram grandes e as famílias dos agricultores não tinham como colherem sozinhos. Para realizar essas colheitas, os agricultores procuravam pessoas na região. Isso ocasionava um grande fluxo de pessoas no assentamento, vindos de Curionópolis, Marabá, Serra Pelada e outras cidades vizinhas. Essas pessoas trabalhavam em um sistema que chamavam de meia ficando com metade do que colhia, ou na terça ficando com um terço do que colhiam.

Quando terminavam as colheitas essas pessoas voltavam para suas casas levando consigo a parte dos alimentos que ganhavam com seu trabalho nas colheitas no assentamento.

Após esse período de muita produção de alimentos que durou em média 10 anos, entre 1990 a 2000. Os assentamentos passaram a se dedicarem apenas à pecuária, criação de gado leiteiro. Embora existam nos PA's, funcionários públicos e aposentados, a criação de pequenos animais, atualmente nos assentamentos tem sua renda predominante na produção de leite. Chegando a produzir em média 3.000 litros de leite por dia.

Todas as famílias trabalham na produção do leite, que é vendido para os laticínios da região, essa afirmação partiu de um trabalho realizado pelos alunos da turma de Pedagogia do campo em 2009 cujo objetivo era fazer um levantamento dos assentamentos para saber a renda predominante e outros fatores referentes à

infraestrutura e a demanda de educação infantil, a fim de ser apresentado como forma de seminário pelos componentes, por assentamento, além de se configurar como uma proposta de reivindicação de políticas públicas para a região.

Aos poucos percebe-se que os assentamentos têm sofrido alterações, ou seja, transformações, iniciando da infraestrutura e logo após vem o êxodo rural. Devido o atendimento escolar funcionar somente até a oitava série os jovens encerram esse período e acabam indo para a cidade para cursar o ensino médio, mudando de realidade, logo a mãe vendo que não dar certo a (o) filha (o) ficar sozinho acaba indo deixando o marido sozinho que com pouco tempo acaba vendendo o lote e indo para cidade viver uma vida totalmente diferente de antes.

Outro fator que me entristece é a venda de lote que se tornou frequente em áreas de assentamento, contribuindo com o poder dos latifúndios, devido os fazendeiros morar por perto dos assentados investe para comprar e formar fazendas da área que custou vidas, lutas e coragem.

Hoje é triste relatar, mas ainda permanecem poucas pessoas nos assentamentos, e os que se encontra a maioria não participou da luta de conquista, chegou comprou e se tornou assentado ou dono do lote por pagar um valor ao antigo dono.

## **CAPÍTULO III: AS CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES NA CONSTRUÇÃO DO TRABALHO.**

Para fundamentar o presente trabalho, serão abordadas as teorias de Paulo Freire, Moacir Gadotti, Maria da Glória Gonh e Roseli Caldart, os quais apesar de apresentarem linhas diferenciadas mais caminham no mesmo rumo com suas contribuições sobre a educação de jovens e adultos nas escolas do campo. Segundo Gadotti (2007) a teoria Freiriana da educação de adultos viveu um processo de amadurecimento que vem mudando a concepção que dela tínhamos anos atrás, conhecidos apenas como educação de adultos.

### **3.1 Metodologias de ensino da EJA.**

Para Gadotti (2007) os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições de vida que devido à falta de educação são pecarias principalmente no que se refere a falta de oferta de emprego (GADOTTI 2007p. 120)

(...) a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador. Segundo essa afirmação a escola deve levar em consideração a diversidade do grupo, sua realidade de vida e de luta, propondo um trabalho que considere o conhecimento já adquirido do educando, realizando um trabalho dinâmico apoiando o saber da comunidade, fazendo um ligamento de comunicação entre o saber técnico e o saber popular para essa população chega à escola com um saber próprio, elaborado a partir de suas relações sociais e dos seus mecanismos de sobrevivência. (GADOTTI 2007p. 121)

Quanto ao educador que trabalha com a EJA Gadotti (2007) considera que deve trabalhar o multicultural partindo do “todo”, das vivências do educando, assim, trabalhar com EJA com tema gerador é uma prática de reflexão, que leva um assunto para discussão em sala de formação, transformando o esforço em aprendizado.

O contexto cultural do aluno trabalhador deve ser a ponte entre o seu saber e o que a escola pode proporcionar, evitando, assim, o desinteresse, os conflitos e a expectativa de fracasso que acabam proporcionando um alto índice de evasão (GADOTTI. 2007 p. 121).

A Educação de Jovens e Adultos se configura em uma importante peça da área educacional no sentido de atender as populações do campo que têm experimentado processos históricos de negação educação, pois a EJA é uma modalidade de ensino que busca inserir os estudantes trabalhadores novamente na escola. Nesse sentido a EJA não deve ser marginalizada e os indivíduos não devem ser objeto de trabalho, mas seres humanos que pensam e refletem sobre suas práticas.

As formações dos educadores eram tidas como central para que a experiência fosse possível porque historicamente não havia formação para os professores que atuavam na EJA. Tendo como base a conscientização dos direitos dos adultos a processos formativos; e aos saberes que eles adquiriram ao longo da vida que precisam ser formalizados via escolarização.

Os sistemas de ensino assegurarão aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, levando em conta as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames (GADOTTI E ROMÃO, 2007 p 57.)

O autor nos faz pensar sobre como as instituições escolares devem estar preparadas para receber esses educandos de forma que os mesmo se sintam inseridos no espaço escolar e não venha desistir por nenhum motivo. Desta forma a escola precisa oferecer ao aluno condições adequadas para continuarem os estudos de maneira onde suas vivências e sabedorias sejam valorizadas. Para o autor o ensino da EJA, é uma sistematização dos conhecimentos adquiridos na experiência de vida com as lutas e conquistas.

### **3.2 Educação popular na concepção de Paulo Freire**

Segundo Freire (2001) a educação popular é a que aproximam as comunidades, os movimentos populares com a escola, entendendo a escola como espaço aberto para o diálogo fazendo uma interação da escola com a comunidade, tratando a escola como um espaço de socialização de ideias para melhor

rendimento e não um lugar fechado, pois toda prática educativa envolve uma ação teórica do educador.

(...) É a que estimula a presença organizada das classes sociais populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade, no sentido da superação das injustiças sociais. É a que respeita os educandos, não importa qual seja sua posição de classe e, por isso mesmo, leva em consideração, seriamente o seu saber de experiência feito, a partir do qual trabalha o conhecimento com rigor de aproximação aos objetos. (FREIRE 2001p. 49)

A educação popular é um processo importante, pois refletimos a militância, as capacidades de mobilização nas comunidades além de estudar os conteúdos tornando todas as histórias e conquistas em conhecimento, educando-o para outros mundos.

Esse educador constituiu uma proposta de mudança radical na educação e objetivos de ensino, partindo da compreensão de que o educando não apenas sabe da realidade em que vive, mas também participa de sua transformação. (FREIRE 2001p. 27).

### **3.3. Conceitos de Educação do Campo**

Segundo Caldart (2006) a Educação do Campo é uma nova forma de fazer com que os sujeitos que vivem no e do campo tenha direito a uma formação influenciada nas políticas públicas, na busca do conhecimento não somente para um grupo isolado, mas para garantir um direito historicamente negado à população que vive no e do campo. Sabendo que a educação do campo é construída com os sujeitos que vivem no campo, valorizando suas ideias na construção de seu próprio conhecimento.

O ser humano realiza aprendizagens de natureza diversas durante toda a sua vida. Não é apenas na infância que as pessoas aprendem. O ser humano está apto a aprender em qualquer idade de sua vida. Porém, precisamos conhecer bem as vivências das pessoas para então conseguir fazer um bom trabalho pedagógico com maior êxito e significação (CALDART 2006 p.69).



O adulto vai para escola não é porque alguém manda ou porque a lei obriga, ele vai porque tem interesses de aprender a escrever e ler uma palavra ou algo. Por isso a educação do campo vem qualificar os educadores para incentivar os educandos a busca do conhecimento e dá formação pessoal. As turmas de educadores do campo que atuaram no espaço educativo das comunidades e assentamentos se desenvolveram pela iniciativa de movimentos sociais, através de projetos pedagógicos, e cursos, que com suas intencionalidades formadoras reconhecendo especificidade do campo, e de seus sujeitos, atendeu não somente a necessidade educativa dos sujeitos, mais deu a oportunidade de acesso e a permanência na universidade, que antes não tinham.

Levando em conta a história de descaso com a educação dos povos, trabalhadores que vive no campo, o movimento dos trabalhadores rurais sem terra, seguido por outras organizações camponesas, iniciam discussões e mobilizações para construir uma proposta de educação que não fosse apenas no campo, mas também fosse das pessoas do campo, que fosse construída com pessoas que moram e trabalham no campo, respeitados como sujeitos sociais na construção de seu próprio conhecimento. (CALDART 2006 p.69).

Partindo da formação do educador que já vem sendo discutida em encontros de EJA, discute-se ela, a formação, é uma das principais estratégias para avançar na qualidade da educação do campo uma vez que o indivíduo está inserido no contexto histórico da localidade. Em razão disso, destaca-se a questão da aprendizagem do educador que, enquanto sujeito, possui uma história de vida que serve como objeto de estudo por isso aprende e reconstrói seus saberes na experiência.

### **3.4. Movimentos sociais**

Segundo Maria da Glória Gonh foi a partir das organizações dos movimentos populares e de outras tendências sociais que transformações ocorreram na luta por melhorias na educação brasileira. Essa luta também acontecia por melhorias urbanas através desses movimentos que tiveram caráter educativo na medida em que levavam seus participantes ao conhecimento histórico e à conscientização política, permitindo assim clareza no objetivo do movimento, afirma a autora.

Entretanto com o envolvimento de grupos intelectuais na assessoria dos movimentos populares fez com que se perdesse o caráter educativo que tornava o saber do povo politizado, gerando o aprendizado e a reflexão sobre si e seu papel na sociedade através da prática dos movimentos populares.

A consciência adquirida progressivamente através do conhecimento sobre quais são os direitos e os deveres dos indivíduos na sociedade hoje, em determinadas questões por que se luta, leva concomitantemente à organização do grupo. Este processo não se dá espontaneamente e dele participam vários agentes. (GOHN. 1999. p17)

Portanto são os movimentos sociais que promovem ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural trazendo ideias de como a população deve se organizar para expressar suas angústias, através do conhecimento sobre quais são os direitos e os deveres dos indivíduos na sociedade que estão sendo negados.

#### **CAPÍTULO IV: CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO DO PRONERA EJA (2004/2006) NA VISÃO DOS PROFESSORES DE ELDORADO DO CARAJÁS .**

A formação de professores das áreas rurais é de grande importância para a educação do campo, pois as atividades realizadas pelos educadores têm relação com a realidade dos educandos, facilitam o ensino e aprendizagem e ainda é bem gratificante para o educador uma vez que o mesmo possui vínculo com o assentamento, sente-se, mas seguro para trabalhar a sua realidade que também é dos educando como diz Caldart (1997, p.14): “Ao propor a formação humana e a capacitação dos sujeitos em diversos campos do conhecimento, os proponentes trazem aspirações que são síntese de múltiplas demandas do campo”.

Entendemos que a formação docente representa um importante fator para o sucesso das políticas de acesso e permanência dos educando nessa modalidade de ensino. Visto que é através da ação do educador, que sabedor dos problemas que impedem a permanência do educando em sala de aula, torna-se possível desenvolver um trabalho a partir da realidade dos educandos. O que poderia garantir a permanência desse grande efetivo da população brasileira que historicamente esteve excluído dos sistemas educacionais.

Pensar na formação do docente para a realidade da Educação de Jovens, Adultos, é pensar nos sujeitos que historicamente tiveram seus direitos negados e o estado enquanto aquele que, diante das necessidades e demandas da sociedade, deve pensar em políticas pública que reparem essas defasagens do sistema educacional brasileiro, bem como, políticas para formação dos educadores que trabalham com essa realidade.

Portanto, ao se pensar em políticas para a formação de docentes, é importante pensar que este docente deve está inserido em uma realidade específica, onde os sujeitos trazem contribuições de suas vivências que auxiliam no trabalho do educador.

Por isso essa prática exigia um planejamento flexível, uma vez que se tratava de uma ação intencional e toda ação tem fins determinados, nesse caso a prática do educador, que realizava suas atividades em sala de aula partindo da formação que recebia para atuar com jovens e adultos considerando sua história de vida riquíssima de conteúdo a serem trabalhados com a turma.

As fotos mostram um dos encontros de formação dos educandos, dos assentamentos Eldorado e Rio Vermelho demonstrando como era feito o transporte das pessoas que adoeciam no assentamento. Já na outra imagem, está sendo realizada uma dinâmica de apresentação da turma, pois era uma das praticas planejada nos encontros de formação dos educadores, para tornar as aulas prazerosas e menos cansativas.



Título: aula teatral  
Fonte: Arquivo PRONERA 2004-2006



Título: Dinâmica, passeando na floresta.  
Fonte: Arquivo PRONERA 2004-2006

As ações buscavam manter uma relação da realidade vivenciada com a prática, a partir do seu contexto de trabalho, naturalmente surgia à necessidade de discussão de estratégias de ensino e de recursos didáticos.

Nesse sentido, uma questão a ser destacada é o significado do ensinar e do aprender e as implicações para as estratégias de ensino adotadas pelos professores. Para isso o curso ofertou oficinas de capacitação dos educadores para que os mesmos não apenas se identificassem enquanto sujeitos que ensinam, mas que também aprendem nesse processo formativo.

Mesmo experimentando o “novo” é difícil trabalhar na EJA sem se desprender do método tradicional, devido os anseios dos educando e dos educadores, por ser um projeto que tem um prazo e precisa de resultados para dar continuidades ou não, como afirma um dos entrevistados:

O EJA e uma modalidade que e muito bom para o pessoal que estão fora da escola a pesar de ser um projeto que dura pouco tempo, mas que e muito bom para as pessoas do assentamento, que podia ter continuidade, mas e sempre um projeto que tem tempo para começar e terminar. (J G S, 30 anos, entrevistado em 01de novembro de 2010)

Segundo o entrevistado o tempo disponibilizado para a realização das atividades na escola tinha que ser maior, pois os envolvidos no projeto em muitos dos assentados queriam continuar os estudos, mas não puderam porque como o entrevistado disse o projeto tinha tempo para começar e para terminar.

A socialização entre o ensinar e o aprender está presente tanto no discurso cotidiano como na teoria e práticas educativas nos assentamentos; a aprendizagem era conseguida no processo de escolarização já que nos trabalhos da EJA os educandos eram co-responsabilizados pelo processo de ensino aprendizagem.



Título: apresentação dos educandos  
Fonte: Arquivo PRONERA 2004-2006

Para desenvolver as atividades com os educandos em sala de aula no assentamento os educadores recebiam formação em forma de oficinas, os professores recebiam orientações de como realizar o trabalho pedagógico, então ao voltar para o assentamento os educadores realizavam seus planos de aula com tema gerador que contribuía na esquematização das aprendizagens.

Para realizar o trabalho eu recebia formação em forma de oficina, encontro que acontecia mensal, ou seja, dois, três dias mensais e tinha toda preparação para poder trabalhar com a EJA, foi em termo de aprendizado foi enorme adquire praticas que até hoje serve para trabalhar em sala de aula apesar de não trabalhar, mais com o EJA tem coisa que eu trabalhava com a EJA que ate hoje eu levo para sala de aula. (J G S, 30 anos, 01de novembro de 2010).

Por essa razão os encontros de formação/encontros realizadas no PRONERA-EJA, tinha como propósito atuar no processo de alfabetização de jovens e adultos, com uma proposta educativa que possibilitasse a reflexão da vivência diária nos assentamentos, refletisse sobre os problemas, propondo repensar a prática educativa, na construção de uma educação que preparasse o indivíduo para sua vida social dentro e fora do campo.

A educação em si, é um processo que ocorre em diversos espaços da atuação humana, exemplo disso é a formação que os educadores da EJA receberam a qual conciliava tempo escola com o tempo comunidade, pois que os mesmo passavam dois meses estudando (teoria) e voltavam para os assentamentos desenvolver as atividades na (prática).

Segundo Caldart (CALDART 1997. p.115): “Ninguém aprende nada fora de um determinado contexto e nem aprende por aprender”. As pessoas aprendem inseridas numa complexa rede de ações e relações e aprendem para atuar nesta rede.

Durante a formação do PRONERA EJA, os educadores dos assentamentos estudavam para atuar na sala de formação com pessoas de diversas histórias e habilidades, não aprendiam para transferir conhecimento, mas para construir num grande processo de aprendizagem entre os sujeitos visto que aprendemos na experimentação do que vivenciamos, nas histórias de lutas, negações e conquistas. Como afirma GOHN (1999), vivenciar os movimentos sociais também é uma experiência formativa:

O exercício da prática cotidiana nos movimentos sociais leva ao acúmulo de experiência, onde tem importância a vivência no passado e no presente para a construção do futuro. Experiências vivenciadas no passado, como opressão, negação de direitos etc. são resgatadas no imaginário coletivo do grupo de forma a fornecer elementos para a leitura do presente. (GOHN. 1999, p.18):

As experiências construídas pelos movimentos camponeses no processo de luta ajudam os educadores trabalharem com os relatos sobre os valores, as escolhas e as relações em suas vidas. Para isso é preciso pensar na permanência de todos os interessados na escola e refletir o jeito de educar os sujeitos deste direito, de modo que a educação forme essas pessoas capazes de fazer valer a luta e permanecer suas conquistas. Devido à educação do campo se identificar com os sujeitos do campo, ela sempre está ligada aos movimentos sociais trabalhando para manter viva a cultura de um povo.

Este é, de fato, um aprendizado humano onde educar é manter viva as relações sociais dos sujeitos mantendo suas raízes e a memória de um grupo viva nas propostas pedagógicas das escolas, pois GOHN (1999, 16), diz que “a educação ocupa lugar central na acepção coletiva da cidadania. Isto porque ela se constrói no processo de luta que é em si próprio, um movimento educativo”.

Isto vem afirmar que as pessoas aprendem em interação com o outro inserido no mundo. Por isso a formação do educador é de suma importância, pois ele é quem representam a memória educativa com a socialização do conhecimento

e esta sempre em busca de atualizar seus acervos de informação e saberes, numa constante aprendizagem.

Para Gadotti e Romão (2007), a formação dos educadores esta focada no que se pretende trabalhar para aprendizagem dos educandos.

(...) Como a formação não tem por objetivo trabalhar o discurso, mas a prática, o primeiro passo é garantir que a própria prática da formação explicita aquilo que se pretende enfatizar na formação. Pouco ou nada adiantará dizer-se, na formação, que o educado é sujeito no processo quando a formação tratar os formados como objeto. O primeiro passo para os alfabetizadores acreditarem no que é proposto é verificarem os resultados dessa proposição junto a eles próprios (...) ( GADOTTI E ROMÃO 2007, p.83) .

Entendendo-se que a educação tem um papel fundamental na formação dos jovens e adultos, partimos para analisar as práticas que é um grande desafio, e esse desafio é assumir uma pesquisa na busca de conhecimento e reflexão para que novas visões de vida e de mundo sejam discutidas e valorizadas dando um novo valor à vida.

No decorrer da última etapa do curso de Pedagogia na Universidade, escolhi um momento para conversar com um educador, ao questioná-lo sobre como foi à experiência de trabalhar na EJA, dá para ver como foi significativa a formação para a vida profissional, tendo um conhecimento social e acadêmico. Relatos como este ajudam a compreender o processo formativo dos educandos trabalhadores.

Olha experiência de trabalhar com a EJA, foi uma experiência muito boa ate porque tem uma coisa muito comum ate porque a partir do momento que você ate porque eu não tive oportunidade de estudar quando eu era criança já passei a estudar quando eu já era adulto, com essa experiência como pessoa e profissional me ajudou muito a compreender os alunos da EJA (J D S C 43 anos).

As contribuições que a formação da EJA trouxe para a vida dos educadores foram profundas e relevantes, tanto na área profissional quanto pessoal. Profissionalmente falando o aperfeiçoamento, ou melhor, a aprendizagem na construção de estratégias para trabalhar com pessoas de grandes histórias que por algum motivo não estudaram quando criança.



Título: caderno do educando

Fonte: acervo PRONERA 2004

O trabalho nas formações era árduo, como um importante resultado dele teve a elaboração do caderno do educando, contendo vários temas geradores e atividades, que tratavam da realidade do campo, desta forma os conteúdos ficavam de fácil entendimento para ambos envolvidos.

Essa era uma discussão que permeava os estudos, objetivando buscar subsídios teóricos na história das políticas públicas para formação dessa modalidade de ensino, na busca de fazer uma análise dos elementos pertinentes às características que a Educação de jovens e adultos adquire hoje no Brasil e suas consequências, que cada dia faz-se uma diferença na porcentagem do índice de analfabetismo em nosso país, através dos projetos elaborados pelos movimentos sociais em parcerias com outras instituições que tem o mesmo objetivo a alcançar.

Ao tratar da Educação dos Jovens e Adultos, visualizamos toda educação destinada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria, ou que tiveram mais de forma insuficiente por algum motivo. E ao pensar essa educação, parte de uma formação voltada para pessoas que conhecem a realidade dos sujeitos inseridos no processo educativo, ou seja, formar educadores do campo com o objetivo de trabalhar essa realidade. Como afirma PAIVA (1987 p.19) "toda educação provém de uma situação social determinada e as metas educacionais, a política da educação e a orientação nos mostra de forma clara o seu caráter histórico".



Por esse motivo a formação dos professores constitui elementos fundamentais para se atingir os objetivos visados pela educação, uma vez que é o professor que, em sua prática operacionaliza as grandes linhas propostas pelas reformas educacionais. Estas, por sua vez devem estar adaptadas à realidade presente na sociedade em que se inserem e onde o educador aprende ao ensinar. Isso ocorria com as formações que os educadores recebiam nos encontros de socialização das práticas.

#### 4.1- O PLANEJAMENTO E SOCIALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES - ENCONTROS DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES

A socialização dos trabalhos pedagógicos dos educadores nos assentamentos acontecia em grupo eram divididos por município e acompanhados pelas orientadoras (bolsista) que também faziam acompanhamento nas turmas nos projetos de assentamentos.

O primeiro encontro de formação de educadores aconteceu nos dias 02 a 06 de maio de 2004. O objetivo desse encontro era possibilitar o início de um processo de formação docente em construção, buscando capacitar os educadores para a realização de uma reflexão crítica sobre o cotidiano e o contexto histórico em que nos inserimos como escola; estimular cada educador na realização do exercício constante de autocrítica; construir momentos de estudos coletivos de interação íntima de um grupo que procurava contribuir para a construção de aprendizagens significativas.

Foi escolhido como local dos encontros a FATA, que é um ambiente que possibilita um estudo tranquilo, afastada do barulho e do cotidiano da cidade, possibilitando o início da construção de uma relação significativa fundamental para um grupo que tinha como desafio (coletivo) de rever e refazer suas práticas construindo uma nova educação humanizante.

Durante esse trabalho de socialização, foram realizadas várias dinâmicas de grupo, dentre elas, uma chamada: “Teia da vida”, com um rolo de linha, onde cada participante da roda ao receber a linha, usava da palavra e jogava para

outra pessoa e isso continuava até formar uma teia. Como podemos observar, na imagem abaixo:



Título: Dinâmica Teia da Vida  
Fonte: Arquivo PRONERA 2004-2006

O curso se baseava na troca de experiências que eram socializadas e introduzidas na formação do educador, que voltavam para o seu local de trabalho com várias atividades planejadas dentro do escopo de formação juntamente com os professores-coordenadores que eram responsáveis pelo projeto de formação EJA.

A oficina possibilitou vivenciar uma verdadeira pedagogia da transformação, na qual resgatar histórias, valores estabelecidos, constrói relações, quebram barricadas. Procuramos diminuir a distância no nosso próprio íntimo, a qual é mais perigosa. Dan em suas falas afirma que a oficina nos possibilitava acreditar no próprio eu, nos socializando coletivamente acreditando numa relação dialógica de suma importância para o processo de transformação, de alfabetização cultural.

Vale ressaltar a importância de trabalhar com materiais produzidos e analisados pelo grupo que iria realizar as atividades com pessoas que lutavam pelo mesmo objetivo, uma educação de qualidade que valorize os saberes já adquiridos fora da escola. O trabalho dos educadores partia da produção textual, história de vida e objeto íntimo.

Por isso a primeira atividade nos assentamentos era a apresentação da

escola com o estudo do texto do PRONERA considerando as falas, a realidade dos educando e dos educadores a escola que queríamos; para então os educadores construir um pequeno texto sobre o qual a escola que queríamos, para que, porque, e como fazer. E além de discutir a escola que queríamos também apresentar todo o processo de construção dos materiais elaborado para subsidiar o trabalho do educador.



Titulo: Momento de socialização das praticas no PRONERA EJA do grupo do município de Eldorado  
Fonte: Maria da LUZ, 2004.

Todo o processo de alfabetização e os saberes conquistados eram desenvolvidos em meio às discussões e atividades do painel temático. Depois dessa discussão planejávamos novas atividades, sempre levando em consideração o planejamento anterior vendo o que deu certo e onde melhorar. Também eram feitas notas de reflexão das atividades, das dificuldades, dos acertos nos círculos de diálogo, que aconteciam durante as formações na EFA dividido os grupos por município. No círculo de diálogo os educandos mostravam os seus desempenhos nos assentamentos. Isso é pensar a ação agir e repensar a ação, pois este é um processo de pesquisa, já que o educador é um pesquisador em ação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em análise busquei compreender a contribuição da formação continuada de educadores no projeto de escolarização PRONERA EJA (2004 a 2006) no Sudeste do Pará especificamente os de Eldorado do Carajás, destacando os aspectos dessa formação que influenciaram os sujeitos que participaram desse projeto em sua atuação como educador de outras turmas pela rede pública do município. Pois o projeto teve a formação do indivíduo como ponto fundamental para manter os assentados, estudando e atuando no seu assentamento.

Para tal, foquei-me no processo formativo de assentados para atuar como agentes multiplicadores da educação no assentamento, e nos métodos de formação continuada que os educadores receberam para atuar na educação de jovens e adultos, a partir dos dados coletados nas entrevistas estruturadas e nos diálogos informais durante este processo.

Como já citei, o Programa surgiu devido à demanda de analfabetos nos assentamentos que incitou as reivindicações das instituições que representam os trabalhadores e trabalhadoras rurais, houve então a necessidades de formar pessoas para trabalhar com educadores, então vieram às indicações de pessoas para fazer o seletivo a fim de participar das formações que seriam ofertadas pela Universidade em parceria com o INCRA e FETAGRI.

Durante a pesquisa vi que as dificuldades são inúmeras no trabalho com a EJA nos Assentamentos e que é necessário trabalhar com a realidade dos estudantes, construir alternativas para que os mesmos permaneçam em sala de aula, a partir da interação entre educador e educando, pois após uma jornada de trabalho, voltar para o banco da escola, não é uma tarefa fácil. Entretanto, apesar de tudo, as contribuições na qualidade de vida na comunidade e principalmente do educador que recebeu essa formação é superior a qualquer dificuldade enfrentada.

Podemos considerar como resultado positivo que a capacitação de profissionais trouxe:

- As estratégias para atender as necessidades de seus educandos.
- A autonomia do educador,

- As intervenções pedagógicas para trabalhar à realidade do assentamento;
- O fazer diferente, mas com uma coerência.

A experiência como educadores do EJA foi gratificante para os participantes, pois a pesar das dificuldades encontradas para trabalhar com a proposta do projeto trouxe um aprendizado significativo, assim como para os agricultores que atuavam na educação do município como professor. Por essa razão o projeto de formação/oficinas realizadas no PRONERA-EJA, tinha como propósito atuar no processo de alfabetização de jovens e adultos, com uma proposta educativa que possibilitasse a reflexão da vivência diária nos assentamentos, refletisse sobre os problemas, propondo repensar a prática educativa, na construção de uma educação que preparasse o indivíduo para sua vida social dentro e fora do campo.

De acordo com os educadores entrevistados pode-se concluir que a formação foi um avanço na vida profissional, pois adquiriram práticas que hoje servem como mecanismo para trabalhar em sala de aula apesar de não estarem mais trabalhando com a EJA.

Os resultados afirmam que essa experiência educacional veio como uma grande oportunidade de profissionalização. Pois, quatro dos entrevistados seguiram atuando como professor da rede municipal, uma continuou o trabalho no movimento sindical com mais qualificação profissional para atender os assentados e a comunidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem, A Alegria de Ensinar. Campinas, Papirus. 2001

Relatórios EFEPEs 2004- 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9495/96**, de 20 DE dezembro de 1996. Disponível em <http://legislação.Planalto.Gov.BR/legislação>, acessado em 20 de janeiro de 2010.

BRASIL. **Manual de Operações do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária PRONERA**, Brasília, 2004:120p.

CALDART, Roseli Salete. **Educação em Movimento: Formação de Educadores no MST (Prefácio de João Pedro Stédile)**. Petrópolis, vozes, 1997:169p.

CALDART, Roseli Salete. Paluco, Conceição, Doll, Johannes. Como se Forma os Sujeitos do Campo? Idosos, Adultos, Jovens, Crianças e Educadores. Brasília. Pronera: NEAD, 2006.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para liberdade e outros escritos**. 5ªEd. Rio de Janeiro, paz e terra, 1981 149p.

Gadotti e Jose e. Romão (orgs) Educação de Jovens e Adultos: Teoria Prática e Proposta. 9ªed. São Paulo: Cortez: Guia da Escola Cidadã Instituto Paulo Freire, 2007.135 p.

GOHN, Maria do Glória Marcondes. **Movimentos Sociais e Educação**. 3ª ed. São Paulo, Cortez, 1999:111p.

HAGE Salomão Mufarrej. **Educação do Campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará**. Belém, Gutemberg Ltda. 2005: 296. p

[.https://www.google.com](https://www.google.com) pedagogia da luz acessada em novembro de 2010.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola Rural: Urbanização e Políticas Educacionais**, 2ª edição. São Paulo, Cortez, 1999:215p. (Coleção Questões da nossa época)

MOLINA, Mônica, Castagna, Sonia Maire santos, Azevedo de Jesus, Maria Clara di Pierro, Márcia Regina de Andrade. A educação na Reforma Agrária em Perspectiva: Uma Avaliação do Pronera. São Paulo: Ação Educativa Brasília, Pronera, 2004:200p.

PAIVA, Vanilda Pereira. Educação Popular e Educação de Adultos. São Paulo: Loyola, 1987.